

REPRESENTAÇÕES DE ÍNDIOS: REPERTÓRIOS PARA A NACIONALIDADE NA NOVA ORDEM REPUBLICANA (1911-1913)

Aluno: Isabella Villiger Masini
Orientador: Eunícia Barros Barcelos Fernandes

Introdução

Em abril de 2006 tive a oportunidade de me juntar a esta pesquisa e desde então venho analisando imagens, sejam elas caricaturas, fotografias ou peças publicitárias publicadas na Revista *O Malho* entre 1911 e 1913.

A análise dessas imagens propiciou reconhecer algumas características atribuídas aos indígenas e a forma como a sociedade percebia esses indígenas no contexto da nação.

Objetivos

A pesquisa tem por objetivo verificar não só qual era o olhar das intâncias governamentais em relação aos indígenas, mas também por parte da sociedade durante o período compreendido pela Primeira República (1889-1930). Há uma busca em torno da representação pública e compartilhada deste indígena neste período e de possíveis conexões com um discurso sobre o nacional, o que implicava num processo de construção da cidadania. Neste último ponto, será primordial procurar perceber se o elemento indígena estava inserido neste projeto de construção da cidadania e de que forma.

Metodologia

Cataloguei as imagens que traziam referências indígenas, tendo me sido destinado à análise os anos de 1911, 1912 e 1913. Com base nas descrições dessas imagens foi feito um relatório para cada ano onde foi possível estabelecer relações e conexões destas com a percepção da sociedade, e principalmente dos intelectuais que estavam expressando sua posição com relação a estas questões através das charges.

O ano de 1911 foi bastante prolífico no que diz respeito a imagens relacionadas ao tema da pesquisa. Em 1910 fora criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e os ecos desse ato são sentidos ao longo de todo o ano de 1911. Muitas charges fazem referência à catequese dos índios e nelas ora são sujeitos os próprios índios e ora os políticos envolvidos com a criação do SPI, que aparecem eles próprios “vestidos” como índios.

A figura do índio serviu também, algumas vezes, para representar o Brasil, vinculando-o a uma noção ora de ingenuidade e ora de ignorância, o que sugere a idéia de bom selvagem. Nesta linha estão as referências indígenas nos anúncios de remédios, que indicam um reconhecimento dos saberes índios com referência à cura das mais variadas doenças.

Quando se tratou de representar o Brasil como uma nação empobrecida, mau cuidada, foi também à imagem do índio, agora em farrapos que se procedeu. Houve também uma tendência à mostrar os índios como indivíduos não só selvagens, mas bárbaros que cometiam atrocidades sem razão nenhuma.

Se no ano de 1911 o que marcou foi uma tensão entre o índio “bom selvagem” e o índio “bárbaro”, em 1912 predominou a imagem do índio ingênuo, inocente, dependente, preguiçoso, boa vida e outros adjetivos que trazem uma referência de um índio desprovido da

capacidade de se mobilizar e participar. O resultado foi uma contante associação do Brasil à esta imagem, principalmente nos assuntos políticos.

O ano de 1913 apresentou traços de continuidade com relação a imagem predominante em 1912. Entretanto, em meio à continuidade, uma imagem chamou a atenção, por se tratar de uma perspectiva até então não vista nos anos anteriores: a que traz um índio com ares de sábio

e superior à sociedade que não o inclui em seu seio. Nesta charge o índio é representado tal qual um Cristo Redentor, gigante, que olha para a cidade do alto e faz uma reflexão acerca das improbriedades cometidas pelos políticos. Uma exceção em meio às variadas representações desqualificadoras dos índios.

Procuramos também, criar uma maior familiarização com os caricaturistas que atuavam na revista neste período pesquisando informações que nos pudessem revelar um pouco mais sobre estes intelectuais que estavam expressando suas visões sobre os assuntos referentes às questões que envolviam o índio através de imagens. Neste ítem, o caricaturista que mais se destacou em *O Malho* no período acima referido foi Alfredo *Storni*, ocupando além das capas da publicação também páginas internas inteiras com suas charges.

Foi feito um mapeamento do periódico com o intuito de perceber intermitências e continuidades em termos de colunas existentes na publicação ao longo do período.

Conclusão

O que ficou claro na análise destes três anos da Revista *O Malho*, é que não há uma única representação do índio na sociedade brasileira do período. Tampouco refere-se ela exclusivamente ao próprio índio, sendo muitas vezes empregada na representação do próprio país e até mesmo do continente. Entretanto, onde houve uma representação do país através da imagem do índio, ela esteve presente para desqualificar e apontar um Brasil atrasado.

Em outros momentos o índio foi representado como um ser bárbaro que não merece um lugar na sociedade devendo permanecer à margem dela, em reservas, sob os auspícios do Serviço de Proteção ao Índio.

Há ainda outras representações, como as que mostram a imagem do índio ligado à fanfarronice, à vida folgada, sem compromissos, à preguiça e outras mais, que indicam que esta sociedade em princípio não estava preparada para perceber os índios como indivíduos dotados da capacidade de se tornar cidadãos desta República.

Referências

- 1 - BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984
- 2 - BURKE, Peter. “*Narrativas visuais*” e “*A história cultural das imagens*”, In: **Testemunha ocular**. São Paulo: EDUSC, 2004.
- 3 - LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- 4 - VELLOSO, Mônica Pimenta. “*A caricatura como um dos sinais da história*”, In: **Modernismo no Rio de Janeiro**. RJ: FGV, 1996.